unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

CONCURSO VESTIBULAR 2026 (SERIADO I) – MANHÃ (ESPANHOL)

Orientações:

1. CADERNO DE PROVAS:

1.1 Não folheie este caderno até que seja autorizado pela fiscalização;
1.2 Este caderno contém 27 (vinte e sete) questões da prova de **CONHECIMENTOS GERAIS** e a prova de **REDAÇÃO**;
1.3. As questões estão distribuídas em 3 (três) matérias (Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira);
1.4. Cada matéria possui 9 (nove) questões objetivas contendo 5 (cinco) alternativas (A, B, C, D, E), das quais apenas uma deve ser assinalada como a correta no **cartão-resposta**;
1.5. Ao final deste caderno consta a **FOLHA DE RASCUNHO PARA REDAÇÃO**, que pode ser utilizada a seu critério;
1.6. Após autorização da fiscalização, verifique se a impressão deste caderno está em ordem, de acordo com o disposto nos itens anteriores.
1.7. É de inteira responsabilidade do candidato informar qualquer problema de impressão para que as providências necessárias sejam tomadas.

2. CARTÃO-RESPOSTA E CARTÃO DA VERSÃO DEFINITIVA DA REDAÇÃO:

2.1 Assine seu **cartão-resposta** e **cartão da versão definitiva da redação** e verifique se seus dados estão corretos e se eles têm alguma falha de impressão.
2.2 Qualquer divergência ou problema deve ser imediatamente informado à fiscalização para que sejam tomadas as medidas necessárias ou informá-lo(a) sobre o procedimento que deve ser adotado;
2.3 Preencha-os utilizando caneta esferográfica de corpo transparente de tinta na cor preta ou azul escuro;
2.4 **TODO** o quadrículo deve ser preenchido e apenas uma alternativa deve ser marcada, sem rasura de qualquer natureza, sob pena de perda dos pontos relativos à questão;
2.5 Não amasse, não dobre e não suje o **cartão-resposta** e o **cartão da versão definitiva da redação**, sob pena de impossibilidade do não-reconhecimento das respostas pelos equipamentos de leitura e perda dos pontos relativos à questão.

3. TEMPO DE PROVA E PERMANÊNCIA NA SALA:

3.1 A duração da prova é de 3 (três) horas e neste período está contado o tempo para o preenchimento do **cartão-resposta** e do **cartão da versão definitiva da redação**.
3.2 É proibido sair da sala de provas antes das 9h45, sob pena de desclassificação;
3.3 Ao término da prova, para retirar-se da sala, entregue o **cartão-resposta** e o **cartão da versão definitiva da redação ASSINADOS**;
3.4 Respeitados os horários e normas previstas em Edital, você poderá levar consigo sua prova.

4. DECLARAÇÃO DE RECEBIMENTO DO CARTÃO-RESPOSTA E DO CARTÃO DA VERSÃO DEFINITIVA DA REDAÇÃO:

4.1 Ao entregar seus **cartões**, solicite ao fiscal que preencha com nome completo e assine a declaração abaixo que confirma o recebimento do seu **cartão-resposta** e do **cartão da versão definitiva da redação**.

DECLARAÇÃO

Declaro ter recebido o cartão-resposta e o cartão da versão definitiva da redação referentes à Inscrição acima.

_____ _____

Nome do Fiscal **Assinatura do Fiscal**

LÍNGUA ESPANHOLA

Lee el texto abajo y contesta a las preguntas de 1 a 9.



El hombre de esta fotografía no es un pobre, ni un mendigo, ni un vagabundo. Este hombre es León Tolstoi: uno de los gigantes de la literatura rusa. Todo el mundo conoce su nombre, pero pocos conocen la extraordinaria historia que se esconde tras esta fotografía.

A los cincuenta años, Tolstoi cayó en una depresión. Su tristeza aumentaba día a día, sin razón alguna. Tolstoi era conde, uno de los hombres más ricos de su país, famoso en todo el mundo. **Sin embargo**, era infeliz. «El dinero no era nada, el poder no era nada. Se veía a muchos que tenían **lo uno y lo otro** y eran infelices. Incluso la salud no importaba mucho; había gente enferma llena de ganas de vivir y gente sana que se marchitaba angustiada por el miedo a sufrir».

Un día, en la avenida Afanasevsky, vio a un huérfano y, conmovido por la compasión, se lo llevó a su casa. Entonces, por primera vez en mucho tiempo, se sintió bien. Se olvidó de sí mismo, de sus problemas, de su tristeza. A partir de ese momento, Tolstoi renunció a sus ropas de caballero, a sus lujos y privilegios y comenzó a llevar una vida **sencilla**, regalando lo que poseía a los necesitados.

"No me hables de religión, de caridad, de amor", **solía** decir, "sino muéstrame la religión en tus acciones". Tolstoi fue también el primer teórico de la no violencia, predicó la fraternidad entre los pueblos y sus ideas inspiraron a otra gran figura del siglo XX, Mahatma Gandhi. Hasta el día de su muerte siguió ayudando a los demás y por eso muchos decían que estaba loco. En un mundo donde solo cuenta el tener, poseer cosas e incluso personas, donde todos quieren tomar, pero nadie sabe dar, Tolstoi parecía un loco.

Un día, un viejo amigo suyo, que, a diferencia de Tolstoi, vivía en la comodidad y el lujo, le dijo: «¿Qué sentido tiene hacer todo esto? ¿Qué te importan los demás? Deberías pensar en ti mismo». A lo que Tolstoi respondió: «Si sientes dolor, estás vivo, pero si sientes el dolor de los demás, eres humano»…

adaptado de: http: www.quora.es. Acceso el 16 mayo 2025.

01. ¿Cuál de las opciones contiene el título más apropiado al texto, considerando la temática desarrollada en él?

a) La depresión atrapa a los ricos y famosos: el caso de Tolstoi.
b) El cambio radical en el modo de vivir de León Tolstoi tras los 50 años.
c) Medio siglo de locura del conocido escritor ruso León Tolstoi.
d) Tolstoi: el reconocimiento de su trabajo sobre las religiones modernas.
e) La vejez dramática y desalentada del gran escritor Tolstoi.

02. Señala la alternativa que, de acuerdo con el texto, se alinea a las ideas de Tolstoi.

a) Hay una relación proporcional entre los niveles de felicidad y el poder económico.
b) La mejor manera de uno sentirse bien es descuidarse de la salud.
c) Es necesario pregonar la religión para convencer a la gente sobre la caridad.
d) Lograr la fraternidad entre los distintos pueblos es un reto para los ricos.
e) El sentido de humanidad se manifiesta al comprender el dolor del otro.

03. En el fragmento "Tolstoi era conde, uno de los hombres más ricos de su país, famoso en todo el mundo. **Sin embargo**, era infeliz." (2º párrafo), la conjunción destacada podría ser reemplazada, sin cambio de sentido, por:

a) no obstante.
b) desde que.
c) por lo tanto.
d) todavía más.
e) puesto que.

04. En el fragmento: "(…) El dinero no era nada, el poder no era nada. Se veía a muchos que tenían **lo uno y lo otro** y eran infelices" (2º párrafo) los vocablos destacados hacen referencia a:

a) dinero y poder.
b) ser rico y ser famoso en todo el mundo.
c) ser conde y ser rico.

d) gente enferma y gente sana.
e) ganas de vivir y miedo a sufrir.

05. ¿Qué acontecimiento marca el inicio de la mejora del bienestar de Tolstoi?

a) La revelación de su real historia.
b) La influencia sobre Mahatma Gandhi.
c) La acogida a una persona en su casa.
d) La renuncia a su título de nobleza.
e) La charla filosófica con un amigo rico.

06. En el fragmento: "A partir de ese momento, Tolstoi renunció a sus ropas de caballero, a sus lujos y privilegios y comenzó a llevar una vida **sencilla**, regalando lo que poseía a los necesitados" (3er párrafo), el vocablo destacado es sinónimo de:

a) ocupada.
b) compleja.
c) atribulada.
d) modesta.
e) solitaria.

07. En el fragmento: "'No me hables de religión, de caridad, de amor', **solía** decir" (4º párrafo), el verbo destacado fue empleado para expresar:

a) deseo.
b) meta.
c) hábito.
d) simulación.
e) imprecisión.

08. Considerando lo expuesto en el texto, **NO** se puede afirmar que Tolstói era:

a) empático.
b) abnegado.
c) avariento.
d) desprendido.
e) altruista.

09. En el último párrafo, el amigo de Tolstoi interactúa con él, utilizando el lenguaje:

a) formal, dado el notorio reconocimiento del escritor ruso.
b) informal, puesto que tenía mucha más edad que Tolstoi.
c) formal, como demostración de respeto y del rigor de la tradición.
d) informal, porque había una relación de confianza entre los dos.
e) informal, pues se ve el uso de la 2ª persona del plural, vosotros.

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto e responda as questões de 10 a 15.

"Felicidade Clandestina"

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente corren-

do. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

10. A narradora descreve a filha do dono da livraria de forma

a) admirada, destacando sua generosidade.
b) irônica, ressaltando sua beleza e elegância.
c) a enfatizar sua crueldade e perversidade.
d) neutra, limitando-se a aspectos físicos.
e) humorística, rindo de suas atitudes.

11. O objeto central de desejo da narradora é

a) ganhar cartões-postais da amiga.
b) ler o livro *As reinações de Narizinho*.
c) ser convidada a entrar na casa da amiga.
d) ter uma amizade duradoura com a filha do livreiro.
e) obter balas que a colega carregava nos bolsos.

12. O comportamento da filha do livreiro pode ser caracterizado como

a) indiferente, pois não ligava para os livros.
b) compassivo, tentando ensinar paciência.
c) protetor, ao guardar os livros em casa.
d) ingênuo, por não entender o desejo da outra.
e) sádico, ao prolongar a espera da narradora.

13. A intervenção da mãe da menina representa

a) o reforço da crueldade da filha.
b) a neutralidade diante da situação.
c) a desvalorização do desejo de leitura da narradora.
d) o alívio da narradora, que finalmente recebe o livro.
e) a continuação da tortura emocional.

14. No desfecho, a narradora compara sua relação com o livro a

a) um romance secreto.
b) um jogo de infância.
c) uma amizade perdida.
d) uma experiência escolar.
e) uma competição com a amiga.

15. No conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector, a expressão que dá título ao texto remete

a) à realização plena que surge apenas quando o desejo desaparece.
b) à alegria exibida publicamente, celebrada entre amigos e familiares.
c) ao prazer coletivo da leitura, compartilhado entre as crianças do bairro.
d) à satisfação que se concretiza de forma imediata, sem adiamentos ou obstáculos.
e) à felicidade vivida em segredo, saboreada na intimidade e prolongada pela espera.

16. De acordo com a narrativa, a crueldade da menina que possuía o livro é motivada por

a) o ciúme que ela sentia pela condição social da narradora.
b) a vingança contra a beleza e a alegria de outras meninas.
c) a vontade de manter o livro consigo, sem emprestá-lo a ninguém.
d) a rivalidade em relação à amizade da narradora com outras crianças.
e) o medo de que a mãe a repreendesse por emprestar o livro.

17. O trecho "Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o" emprega uma figura de linguagem que expressa

a) o exagero do tamanho do livro.
b) a relação conflituosa entre a narradora e a dona do livro.
c) o desejo intenso de a narradora se integrar à história.
d) o simbolismo da comida como fonte de prazer da narradora.
e) o realismo da descrição de uma rotina de leitura.

18. Após finalmente ter o livro em mãos, a narradora não o lê imediatamente. Essa atitude pode ser interpretada como

a) a hesitação de alguém que não está acostumada a ler.
b) a busca por um lugar calmo e reservado para a leitura.
c) a decepção com o conteúdo do livro, que não era o esperado.
d) o prazer em prolongar o momento e saborear a posse do objeto desejado.
e) o receio de que a mãe da menina gorda mudasse de ideia e pedisse o livro de volta.

19. No que tange à "Carta de Pero Vaz de Caminha", assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Caminha afirma na carta que os povos originários encontrados aqui apresentam alto nível cultural e bélico, o que o deixa surpreso.
b) Pero Vaz manifesta descontentamento com a falta de pudor das mulheres locais por mostrarem suas vergonhas tão altas, cerradinhas e limpas das cabeleiras.
c) O escrivão relata ao rei as primeiras impressões, em sentido amplo, sobre a terra, o habitante local, a natureza e o clima.
d) Caminha mostra-se impressionado com o fato dos habitantes daqui demostrarem fé em Cristo e abraçarem o catolicismo sem resistência.
e) Pero Vaz afirma que a melhor atitude a se tomar em relação à terra recém descoberta é retirar as riquezas, principalmente o ouro abundante em Minas Gerais.

20. Na "Carta" de Pero Vaz de Caminha (1500), o escrivão retrata a terra recém-descoberta como a "mais fermosa que até então se viu", ressaltando a fertilidade do solo e a abundância de águas. Ao retratar os povos indígenas, afirma que "andam todos nus, sem nenhuma cobertura, e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto". Acerca das descrições da nova terra, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Um espaço bárbaro, cuja nudez dos habitantes é sinal de pecado e atraso moral.
b) Uma representação literária próxima ao Éden bíblico, marcada pela exuberância natural e pela inocência dos nativos.
c) Uma uma crítica velada à vida europeia, contraposta à superioridade cultural indígena.
d) Uma narrativa poética de ficção, que inventa paisagens e povos para agradar ao rei.
e) Uma justificativa moral para a escravização dos indígenas, interpretada como dever divino.

21.

I Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, pareciam bem.
CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil*. 1500.

II O Brasil foi inventado, sonhado, trazido na frota de Cabral. As cores com que o pintaram foram as cores da esperança e do fausto.
BUARQUE, Chico. *Ópera do Malandro*. 1978. Adaptado.

A relação entre os textos demonstra que a invenção do Brasil, desde seu registro inaugural, é também um ato de linguagem. No Texto **I**, a palavra "pintados" refere-se

a) à técnica artística de pintura em tela, que os portugueses ensinaram aos indígenas, simbolizando o primeiro contato cultural.
b) ironicamente, à sujeira dos corpos nativos, em uma crítica social que o Texto **II** vem a reforçar séculos depois.
c) literalmente, aos adornos corporais dos indígenas, enquanto o Texto **II** metaforiza a "invenção" do país como uma pintura projetiva.
d) à falta de vestimentas, sendo um sinônimo para "nus", conceito que o Texto **II** associa à pureza original do país.
e) aos estandartes e bandeiras portuguesas, que são descritos por Caminha para celebrar a posse da terra, tema que o Texto **II** ignora.

22. No que concerne ao poema "Lembrança de morrer", de Álvares de Azevedo, assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) Álvares de Azevedo é um poeta romântico de grande prestigio, sendo um dos mais importantes do Romantismo brasileiro.
b) O poema se insere na terceira geração romântica, conhecida também como condoreira.
c) A poesia evoca os temas lúgubres como a morte, cemitério, cadáver assuntos corriqueiros para este autor.
d) "Lembrança de morrer" traz a temática da evasão na morte, uma solução radical para o mal do século.
e) O eu-lírico do poema assevera que seu passamento será um momento feliz, pois ele não clama pela vida, o título é lembrança de morrer, não de viver.

23. Leia os versos do poema "Lembrança de Morrer" de Álvares de Azevedo:

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um sineiro.

Nessa estrofe, o eu lírico constrói sua visão da morte por meio de uma série de

a) metáforas que comparam o fim da vida a uma libertação de uma existência cansativa, monótona e angustiante.
b) ironias que ridicularizam o sofrimento humano, mostrando-o como um sentimento menor e superável.
c) polissíndetos que harmonizam o sofrimento do poeta, transformando uma queixa simples em uma tragédia de grandes proporções.
d) analogias que relacionam a morte a uma punição divina pelo pecado do tédio e da falta de fé.
e) antíteses que contrastam a paz do deserto com o barulho ensurdecedor do sino, simbolizando a confusão mental do poeta.

24. No poema "Lembrança de morrer", Álvares de Azevedo apresenta uma postura aparentemente contraditória em relação à morte. Em alguns versos, o eu-lírico afirma: "Não derramem por mim nem uma lágrima"; "Não quero que uma nota de alegria / Se cale por meu triste passamento"; "Eu deixo a vida como deixa o tédio (...) o poento caminheiro". Porém, em outros momentos, expressa apego aos afetos e ao mundo sensível: "Sombras do vale, noites da montanha / Que minh'alma cantou e amava tanto (...) / Deixai a lua prantear-me a lousa!". Essa contradição pode ser compreendida como:

a) uma incoerência que revela a falta de unidade do poema e a ausência de identidade lírica no Romantismo.
b) um desprezo pela subjetividade e uma valorização da realidade objetiva da natureza.
c) Um recurso estilístico irônico, no qual o poeta debocha dos sentimentos humanos para exaltar apenas o tédio e a morte.
d) Uma demonstração da visão realista do poeta, que alterna objetivamente entre fatos da vida e da morte sem envolvimento emocional.
e) A expressão do conflito romântico entre o aparente desprezo pela vida e a expressão de um desejo intenso de permanência na memória e no amor, típica do ultrarromantismo.

25. "O escravo não é apenas vítima; é também algoz. O senhor não é apenas algoz; é também vítima." Esta frase sintetiza a tese de Joaquim Manuel de Macedo em *Vítimas algozes*. Sobre a lógica do texto citado acima, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Absolve moralmente os senhores de qualquer responsabilidade, uma vez que eles também são vítimas de um sistema do qual têm total controle.
b) Utiliza uma visão maniqueísta e simplista, dividindo os personagens de forma clara entre heróis (escravizados) e vilões (senhores).
c) Mostra a crítica da maldade individual de senhores e quanto ao caráter intrinsicamente perverso e corruptor da instituição escravista.
d) Defende que a violência dos escravizados é moralmente equivalente à violência dos senhores, sendo ambos igualmente culpados pela perpetuação do sistema.
e) Propõe uma solução revolucionária, na qual escravizados e senhores, reconhecendo-se mutuamente como vítimas, devem unir-se para destruir imediatamente o sistema que os oprime.

26. Leia o trecho a seguir, retirado de *Vítimas algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo: "A escravidão é um crime da sociedade escravagista, e a escravidão se vinga desmoralizando, envenenando, desonrando, empestando, assassinando seus opressores." Sobre o excerto citado, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) O lamento de um escravo que denuncia a violência sofrida e reivindica sua liberdade.
b) A convicção de que a escravidão é um mal inevitável, dada a tendência perversa inerente à natureza humana.
c) A contradição da obra, que ao mesmo tempo defende e ataca a manutenção da escravidão como forma de preservar a ordem social.
d) A visão de que a escravidão é crime que gera efeitos destrutivos, pois transforma a vítima em agente de corrupção e violência contra seus próprios senhores.
e) A escravidão como uma tragédia pessoal dos cativos, sem maiores impactos sobre a sociedade senhorial.

27. Sobre o texto *Vítimas algozes* de Joaquim Manuel de Macedo, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) A narrativa está dividida em três partes: "Simeão, o crioulo", "Pai Raiol, o feiticeiro", e "Lucinda, a mucama".
b) O enredo é produzido por um escritor negro, a exemplo de Luís Gama, para denunciar o sofrimento sofrido pelos escravizados.
c) Macedo é tido como grande orador libertário haja vista que se comove com as mazelas impostas aos negros durante o regime escravocrata.
d) A escrita denota que o próprio Macedo, escritor, quer o fim da escravidão para que os africanos escravizados no Brasil tenham uma vida digna.
e) Os personagens Simeão, Pai Raiol e Lucinda estão interligados entre si haja vista que dialogam e conquistam a tão sonhada carta de alforria.

REDAÇÃO

Na sequência, há duas propostas de ARTIGO DE OPINIÃO (com temas diferentes), das quais você deve escolher APENAS UMA para escrever seu texto.

Conforme orientações do Manual do Candidato, sua redação **DEVERÁ** (sob pena de zeramento):

I. Apresentar, no mínimo, 20 (vinte) linhas de extensão, escritas;
II. Atender ao gênero discursivo solicitado (no caso, **ARTIGO DE OPINIÃO**);
III. Não fugir à temática proposta/escolhida para a situação de interação;
IV. Não apresentar acentuada desestruturação;
V. Estar escrita com letra legível e não em forma de desenhos ou números, nem com espaçamento fora do normal entre palavras, ou fora da disposição do texto no papel;
VI. Ser escrita à caneta na versão definitiva;
VII. Estar escrita no cartão da versão definitiva da redação;
VIII. Estar escrita em língua portuguesa;
IX. Não apresentar, no cartão da versão definitiva da redação, qualquer tipo de marca ou registro que possa ser interpretado como uma tentativa de identificação do candidato, incluindo aqui o próprio nome do candidato ou pseudônimo ou qualquer tipo de assinatura.

O texto pode ser escrito com letra cursiva ou de fôrma, desde que respeitadas as normas ortográficas brasileiras em vigor.

PROPOSTA 1

Redija um **ARTIGO DE OPINIÃO** para ser publicado em um jornal on-line, em seção denominada "Sociedade e Cultura". Aborde a seguinte temática:

SOCIEDADE DO IMEDIATISMO, PRODUTIVIDADE E SAÚDE MENTAL

Na contemporaneidade, a busca incessante por produtividade e a cultura do imediatismo têm imposto um ritmo de vida acelerado, afetando profundamente a saúde mental da população. Estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que uma em cada oito pessoas no mundo convive com algum transtorno mental, sendo a ansiedade e a depressão responsáveis por cerca de 60% dos casos. No Brasil, o cenário é igualmente alarmante: o estresse afeta mais de 85% da população, indicando uma crise silenciosa que compromete o bem-estar coletivo.

A pressão por resultados e a constante necessidade de adaptação às demandas do mercado têm levado muitos trabalhadores ao esgotamento. Um estudo aponta que 76% dos profissionais se sentem sobrecarregados pela exigência de cumprir prazos e metas, resultando em aumento da ansiedade e redução da produtividade. Além disso, a pandemia de Covid-19 intensificou esses desafios, com um aumento de mais de 25% nos casos de ansiedade e depressão.

O Dr. Thyago Henrique, médico pós-graduado em psiquiatria pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Israelita Albert Einstein, destaca que a sociedade atual apresenta um baixo limiar de frustração: "somos uma geração mais frágil do que há 100 anos; nosso limiar de frustração é muito menor". Ele ressalta que a busca incessante por produtividade, sem momentos adequados de descanso e lazer, leva à exaustão e fadiga, comprometendo a saúde mental.

Fonte: Texto de Luanna Gomes, publicado no site TH+Portal (https://thmais.com.br), em 01/04/2025 (adaptado).

REDAÇÃO

PROPOSTA 2

Redija um **ARTIGO DE OPINIÃO** para ser publicado em um jornal on-line, em seção denominada "Tecnologia e Sociedade". Aborde a seguinte temática:

USO DA IA *versus* PENSAMENTO CRÍTICO

Em uma pesquisa sobre os efeitos cognitivos do uso de assistentes de inteligência artificial na produção de textos acadêmicos, conduzida pelo centro de pesquisa interdisciplinar MIT Media Lab, os pesquisadores monitoraram a atividade cerebral de voluntários enquanto escreviam redações em diferentes condições. Durante os testes, observou-se que o grupo que usou a IA apresentou níveis mais baixos de esforço cognitivo.

Os autores do estudo chamaram o efeito observado de dívida cognitiva, condição em que o uso constante de assistência por IA acaba substituindo processos mentais importantes. A longo prazo, isso pode comprometer a capacidade do cérebro de desenvolver habilidades fundamentais para o pensamento independente.

Segundo os pesquisadores, essa "dívida" se acumula conforme o usuário recorre à IA sem qualquer esforço prévio. A conveniência de respostas rápidas dadas pela IA costuma desestimular a reflexão, a criatividade e o pensamento crítico.

No entanto, os cientistas reconhecem que o escopo do estudo é limitado e que pesquisas futuras devem incluir um grupo mais diverso de participantes. Ainda assim, a autora principal, Nataliya Kosmyna, do MIT Media Lab, destacou a importância de discutir esses riscos com urgência.

Fonte: Texto de Felipe Faustino, publicado no site Tecnoblog (https://tecnoblog.net/), em 20/06/2025 (adaptado).

Segundo Renata Yamasaki, neuropsicóloga pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), o fascínio pelas soluções rápidas não é apenas cultural, mas biológico. A pesquisadora explica: "O cérebro humano é programado para economizar energia. Então é natural que, diante de uma ferramenta que 'faz por nós', a gente vá se acostumando a não fazer". A consequência, porém, pode ser grave: "Há um empobrecimento simbólico da produção. A criatividade não é só o resultado final, é o processo de conexão entre memórias, vivências, afetos e referências", conclui Yamasaki.

Fonte: Texto de Priscila Carvalho, publicado pela CNN Brasil (https://stories.cnnbrasil.com.br/), em 04/07/25 (adaptado).

REDAÇÃO
RASCUNHO

RASCUNHO